



Nietzsche: uma filosofia para se viver em tempos sombrios

Por ANGELA ZAMORA CILENTO
PATRÍCIA DEL NERO VELASCO

angelazamoracilento@gmail.com
patricia.velasco@ufabc.edu.br

1. Considerações iniciais

“Sê um homem e não me sigas” (NIETZSCHE, *Ecce Homo*).

Há inadvertências que podemos apontar quando se trata da relação entre a epígrafe de Nietzsche e o estudo da filosofia. A primeira é que a filosofia estaria dissociada da complexidade do mundo contemporâneo, pois cada indivíduo poderia ser o que quisesse sem se importar com os demais, com a herança cultural ou com o legado a ser deixado para as gerações posteriores. A segunda, por sua vez, diz respeito ao possível descarte das intrínsecas relações entre os autores e suas respectivas produções – sejam elas literárias, filosóficas ou artísticas – como se nelas, nas linhas ou entrelinhas, não existissem conselhos ou dispositivos para reflexões que permitiriam “exercícios de pensamento” (MACHADO, 2009, p.13), tocando-nos tão profundamente a ponto de afetar a constituição de nossa subjetividade.

Reparadas as eventuais imprudências interpretativas, podemos afirmar que a filosofia é uma das grandes formas de compreensão do mundo, atribuidora de sentido à vida humana. Esta ideia é corroborada por Cassirer em sua obra *A Filosofia e as Formas Simbólicas* (2011); e, antes dele, Nietzsche já ressaltava em sua *Genealogia da Moral* (1988, p. 184): “é melhor ter um sentido do que nenhum”.

Muito antes deles, porém, Sócrates e as escolas que se seguiram no período helenístico já entendiam a filosofia como forma de vida. De certo modo, as ideias expressas pelos pensadores durante todo o trajeto do nosso processo civilizatório concernem na detecção daquilo que se nomeou de “natureza humana” e de suas respectivas paixões, bem como na forma de organização social – o que implica nas condições de possibilidade de articular





valores, modos de ser e prospecções, utilizando-se da colaboração de outras áreas de conhecimento.

Embora o avanço das ciências tenha alcançado inumeráveis vitórias no que concerne à erradicação de doenças, à melhoria da qualidade de vida e à aplicação de tecnologias, o mundo globalizado coloca novos desafios para o homem que se referem às mudanças geradas pelos fenômenos socioeconômicos, as quais promovem outras configurações das dinâmicas urbanas e, conseqüentemente, transformam as relações entre os homens e as suas formas de atuação no mundo. Exige-se cada vez mais que o ser humano se torne flexível. Segundo Sennet (1959, p. 53):

a palavra ‘flexibilidade’ entrou na língua inglesa no século quinze. Seu sentido derivou originalmente da simples observação de que, embora a árvore se dobrasse ao vento, seus galhos sempre voltavam à posição normal. ‘Flexibilidade’ designa essa capacidade de ceder e recuperar-se da árvore, o teste e restauração de sua forma. Em termos ideais, o comportamento humano flexível deve ter a mesma força tênsil: ser adaptável a circunstâncias variáveis, mas não ser quebrado por elas. A sociedade hoje busca meios de destruir os males da rotina com a criação de instituições mais flexíveis. As práticas de flexibilidade, porém, concentram-se mais nas forças que dobram as pessoas.

Neste sentido, o sujeito deve ser formado de modo a ser forte o suficiente para não quebrar com a força imperiosa dos ventos e é exatamente aqui que reside a importância de uma filosofia que permita ao sujeito enfrentar as vicissitudes da vida: uma educação que tenha tal finalidade se torna imprescindível nesses tempos sombrios. Por conseguinte, a filosofia da educação deve contribuir para que o homem se torne “aquilo que é”, desprendendo-se da tirania da opinião pública e do que o tornou inapto para a vida. Nas palavras de Rosa Maria Dias (2015, p. 234):

para que os homens se desprendam e se defendam das virtudes do rebanho, é necessário que engulam a seguinte verdade, como um remédio amargo: a primeira virtude do homem é ousar ser ele mesmo. É preciso triunfar sobre si mesmo, isto é, sobre a natureza que lhe foi inculcada e o tornou inepto para a vida. Para Nietzsche, não há espetáculo mais hediondo do que ver um homem que se despojou do seu gênio, do seu ser criador e inventivo. Falta-lhe medula. Só tem fachada. Assemelha-se a um fantasma da opinião pública.

O presente trabalho objetiva, à luz das ideias de Nietzsche, prescrever alguns dos diagnósticos do filósofo do martelo para o nosso tempo, uma vez que um dos principais fins da filosofia da educação é o de forjar um homem segundo alguns princípios e valores para



viver a vida. Discutiremos, primeiramente, o conceito nietzschiano de vida e sua estreita articulação com as categorias estéticas e com os conceitos de invenção e valor da verdade. Em seguida, exploraremos cinco advertências que foram recolhidas de algumas de suas obras e que nos auxiliarão na busca de uma filosofia de vida para tempos tão complexos como o nosso.

2. O conhecimento como invenção, a vida como criação de perspectivas

Notam-se intrínsecas relações entre diversos autores da história da filosofia e suas obras. Entre eles, o próprio Nietzsche, o qual sofreu “profundamente, como um ser destroçado a quem a vida prejudicou” (FINK, 1988, p. 10). Discípulo dos antigos, não se deixou sucumbir pelo sofrimento, ao contrário: suas reflexões sobre a Vida permitiram uma imersão na apreensão de sua totalidade, de modo que ela própria é tomada como o maior valor do qual derivam, segundo a interpretação de cada cultura, os valores.

Para Nietzsche, a Vida comporta todos os pares de opostos que se alternam, conforme lição apreendida de Heráclito: dia e noite, inverno e verão, dor e alegria, saúde e doença, vida e morte, verdade e mentira. Todavia, a Vida também comporta o caos e a imprevisibilidade. Ora, isso implica que, por mais que os homens tentem traçar planos e criar esquemas de explicação para o mundo (como a religião a nos explicar de onde viemos e para onde vamos, porque a vida é deste modo, porque os homens são finitos e plenos de dor em sua existência ou a ciência, por seu turno, a investigar as relações causais entre os fenômenos), estas criações não passam de invenções (*Erfindungs*) que promovem a doação de sentido para a existência. São criações – pontes – que permitem aos homens caminharem sobre o abismo como pontes que permitem a travessia.

A Vida é algo insondável – um Uno que transborda e cria uma multiplicidade de entes, num incessante movimento de criação e destruição. Já que todos os entes estão sob a condição da temporalidade, ou seja, há um “fundo dionisíaco do mundo” que só pode ser apreciado enquanto fenômeno estético, a questão que se sobressai é: onde reside o valor da filosofia nietzschiana? A resposta incide sobre o valor da vida e de como vivê-la. Nietzsche, como afirma LEBRUN (1983): “é uma ferramenta para ler o mundo”.





As inferências supramencionadas se devem ao seu “olfato” (em vários aforismos encontramos tal referência), ao seu “olhar acurado”, graças aos seus estudos sobre os gregos e as tragédias de modo especial, que lhe permitiram ser capaz de decifrar em grande parte o “enigma do mundo”. Posteriormente, configuraram-se em suas categorias estéticas e no estabelecimento de uma hierarquia para a compreensão da vida. Decorre que a arte se torna principal ferramenta para interpretá-la em sua caoticidade, pois não está sujeita ao crivo da moral, acima também da ciência e da tecnologia, posto que estas se mostram insuficientes na compreensão de sua totalidade. Seu mergulho no caos – no “coração do mundo” – trouxe à luz tudo aquilo que os homens nas mais variadas culturas pretenderam ocultar: o devir, a finitude de todas as coisas, o lado horrendo, medonho, terrível e desmesurado da vida.

Aliado às categorias estéticas, há a investigação genealógica: a dupla origem dos valores na origem. Nietzsche verificou que a maioria dos homens se ressentiu com o caráter caótico da Vida, passando a acusá-la por ser o que ela é: entende a vida enquanto expiação – perfazendo o perfil psicológico do escravo; enquanto que, os gregos, por exemplo, a compreendem enquanto gratuidade: “sua grandeza consiste no fato de que, estando expostos ao caráter terrível da existência, os gregos não apenas triunfaram sobre esse perigo, como o fizeram por meio de uma cultura cujo traço distintivo era a beleza artística” (LIMA, 2006, p.146), configurando o traço essencial do perfil do senhor.

Um dos pontos conclusivos da investigação genealógica incide sobre a necessidade que os homens têm de ocultarem o vazio e o caos: “o seu *horror vacui* (*horror ao vácuo*): ele precisa de um objetivo – e preferirá ainda querer o Nada a Nada querer!” (NIETZSCHE, 1988, p. 106).

Assim, as interpretações favorecem a vida – resta investigar ainda se aumentam ou não a vontade de potência. Ambas livram os homens do completo niilismo, embora isso não signifique que aumentam a vontade de potência. Todavia, não passam de invenções, *Erfindungs*, perspectivas que tomaram, com o passar do tempo, estatuto de verdade. Para o pensador alemão, há uma crescente vontade de verdade. Acreditamos em mentiras que tomaram o estatuto de verdade:





Arranjamos para nós um mundo no qual possamos viver, admitindo a existência de corpos, de linhas, de superfícies, de causas e de efeitos, de movimento e de repouso, de forma e de fundo: não fossem esses artigos de fé, ninguém suportaria a vida! Mas isso não prova nada em seu favor. A vida não é um argumento; porque o erro poderia encontrar-se entre as condições da vida. (NIETZSCHE, 1987b, p. 142).

Para o autor, não se pode purificar o conhecimento de sua gênese vital e, por conseguinte, não há como pretender um conhecimento puro. O conhecimento não se desvincula da vida. Todo conhecimento é, pois, criação, não tendo finalidade para além desta vida a que serve. Não obstante,

O desejo da verdade ofusca o fato do homem ser um artista. Oculta o fato de que o homem é um criador. O fato de que o homem é um criador tanto de verdades como de mentiras – um criador de perspectivas. Ao esquecer-se como criador, o homem carrega a pretensão da totalidade, considerando-se o centro do universo. (VELASCO, 2008, s/p).

Deste modo, todas as interpretações são o resultado da capacidade artística do homem de inventar um mundo seguro para si. Precisamos de mentiras com estatuto de verdade que possibilitam as crenças e, entre estas, a crença no conhecimento. A pedra de toque da filosofia nietzschiana reside na ideia de que sua filosofia se sabe interpretação, tão válida quanto qualquer outra, mas não se pretende, como as demais, verdadeira.

3. A filosofia como forma de vida: advertências para tempos sombrios

Um dos textos mais contundentes do jovem Nietzsche é *Sobre a Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral* (1987a). Encontramos nele algumas ideias supramencionadas, principalmente no que concerne à necessidade do conhecimento para o homem, já que se encontra em completa desvantagem frente aos outros animais. Precisou, portanto, desenvolver o intelecto e tornou-se presunçoso e vaidoso como se todo o universo girasse ao seu redor:

Em qualquer canto longínquo do universo difundido no brilho de inumeráveis sistemas solares, houve certa vez uma estrela na qual animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais arrogante e mais ilusório da ‘história universal’: mas não foi mais que um minuto. (...) Tal é a fábula que alguém poderia inventar sem conseguir ilustrar no entanto que exceção lamentável, tão vaga e fugidiva, tão fútil e sem importância, o intelecto humano constitui no seio da natureza. (...) Porém, se pudéssemos nos entender com a mosca, conviríamos que que ela também evoluiu no ar com o mesmo pathos, e nela sente voar o centro deste mundo. Não há nada pior nem mais significativa na natureza que, graças a um pequenino sopro desta força de conhecer, ficar tão inflado quanto um odre; e igual a todo carregador de



fretes que quer ter seu admirador, assim o homem mais soberbo, (...) entende que de todas as partes os olhos do universo estão apontados com um telescópio sobre sua ação e seu pensamento. É notável que o intelecto chegue a produzir este estado de coisas, uma vez que foi justamente concedido como ajuda aos seres mais desafortunados, mais frágeis e mais efêmeros para que se mantivessem por um minuto na existência. (NIETZSCHE, 1987a, p. 64).

Todavía, pretendemos nesse tópico discurrir sobre algumas advertências que Nietzsche nos faz, tanto na juventude quanto em sua filosofia madura, com a finalidade de que possamos nos apropriar delas e criarmos uma síntese própria. São inúmeras e grandiosas, espalhadas pelos diversos aforismos e nos textos lineares. Seleccionamos algumas delas com a intenção de levar os leitores à reflexão.

Como vimos, os modos de ser dos homens no interior das diversas culturas – por meio do método genealógico – levou a uma produção de seus respectivos valores enquanto sintomas de apreciação em relação à vida, pois dela derivam todos os valores. Em outros termos, há valores que decorrem da gratuidade da vida e intensificam a vontade de potência, como aqueles encontrados nos gregos e no perfil psicológico do senhor; há, contrariamente, uma outra produção originada do modo de ser escravo que entende a vida como expiação e seus valores são decadentes porque não intensificam a vida.

A **primeira advertência** que seleccionamos trata do modo de ser do homem: enquanto para alguns a vida deve ser vivida em sua intensidade, outros, a fim de se preservarem, são comedidos. Ora, **cada pessoa tem uma medida própria**, por isso é importante não tomarmos as medidas advindas de outros para nós. Em *Sobre a Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral*, encontramos a gritante oposição entre o modo de vida estóico e aquele que Nietzsche denomina de “homem intuitivo”:

Existem épocas em que o homem racional e o homem intuitivo permanecem lado a lado, um por medo da intuição, outro por desdém à abstração (...). Ambos desejam dominar a vida; este sabendo enfrentar as necessidades mais importantes pela previdência, prudência e regularidade, aquele enquanto personagem ‘demasiado alegre’, não vendo as necessidades e só tomando como real a vida disfarçada em aparência e beleza. (...) Enquanto o homem dirigido pelos conceitos e abstrações não faz senão uma defesa contra a infelicidade, sem conseguir sequer a felicidade a partir de suas abstrações, enquanto ele deseja livrar-se o mais possível dos sofrimentos, o homem intuitivo, ao contrário, colocado no coração de uma cultura, já desfruta, a partir de suas intuições, de um esplendor que se irradia continuamente, de um desabrochar, de uma redenção. É verdade que sofre mais intensamente quando sofre:



com muita frequência sofre porque não consegue tirar lições da experiência, torna a cair naquele ponto rotineiro, onde já havia caído. É tão pouco razoável na dor quanto na felicidade: grita forte e fica desconsolado. Em meio à mesma desgraça como é diferente o estóico, instruído pela experiência e dominando-se através dos conceitos! Ele que costumeiramente não procura mais que a sinceridade, a verdade e a liberdade diante das ilusões e proteção contra as surpresas enganosas, agora na infelicidade monta a obra-prima da dissimulação, do mesmo modo que o outro na felicidade; ele não tem um semblante humano mutável e animado, ostenta, de certo modo, uma máscara de traços dignamente proporcionados, não grita nem altera o som de sua voz: quando uma tempestade se abate justamente sobre ele, protege-se com seu casaco e afasta-se sob o aguaceiro, com um passo lento.” (NIETZSCHE, 1987a, p.77-78).

Ora, as duas posições são concernentes a dois tipos de homens, modos de vida que são adequados a determinados modos de ser. Há várias considerações que podemos tecer para ilustrar as ideias desta passagem. A primeira afirma que a vida é permeada de dor e de felicidade para todos os homens.

Para Nietzsche, a vida é completamente imprevisível e caótica, embora de valor inapreciável. Foi preciso, pois, encontrar um “critério que possa servir de base suficiente (...) sem que tal critério possa, no entanto, transformar-se em objeto de avaliação por intermédio de um outro valor no qual aquele pudesse ser subsumido” (GIACÓIA JR, 1988, p. 99). Em outras palavras, nada é mais importante que a própria Vida que está associada ao conceito de vontade de potência. A vontade de potência é concebida como “elemento constitutivo do mundo” (MARTON, 1990, p. 87). Vida é vontade de potência – vontade de ser mais (como será explorado adiante).

O “homem racional “que inicia esta passagem está relacionado ao estóico que age com prudência e previdência; ele não ousa avançar sem ter a certeza que obterá êxito em seu empreendimento. Ele é prevenido: medita sobre toda e qualquer circunstância antes de agir, está preocupado com o futuro. Por isso, a sua felicidade está circunscrita àquilo que está previsto, já está preparado para tudo, não há desmesura de sua parte. Aos olhos de Nietzsche, o que ele chama de felicidade é não ter sofrimento.

Uma das filosofias práticas do helenismo é o estoicismo, fundada por Zenão, por volta de 300 a.C. e que tem como seus principais representantes Cícero (106-43 a.C.), o imperador romano Marco Aurélio e Sêneca (4 a.C.- 65 d.C.), o qual foi professor de Nero. Para eles, a



razão e a virtude devem prevalecer, visto que um homem que não as cultiva não conseguirá suportar as mudanças da fortuna; entretanto, não precisa se abster completamente do prazer, pois a vida sem nenhum seria insuportável. Por outro lado, a busca desenfreada pelo prazer pode escravizar o próprio homem.

Segundo os estóicos, a temperança é uma das mais importantes virtudes, pois implica em não se deixar dominar pelas paixões que, em grego, advém de *pathos* (doença), ou seja, qualquer sentimento que tire do homem a sua racionalidade, a sua serenidade. A felicidade comporta, portanto, uma dimensão ética que incorpora dois pontos: a *ataraxia* (ausência de perturbação advinda das paixões) e a *aponia* (ausência de dor), compreendendo que o homem deve aprender a ser feliz independentemente de qualquer situação, desapegando-se do presente por meio das expectativas do futuro ou das doces lembranças do passado. Nas palavras de Sêneca:

Estamos todos ligados à Fortuna: para uns a cadeia é de ouro e frouxa, para outros é apertada e grosseira; mas que importa? Todos os homens participam do mesmo cativeiro, e aqueles que encadeiam os outros não são menos algemados; pois tu não afirmarás, suponho eu, que os ferros são menos pesados quando são levados no braço esquerdo. As honras prendem este, a riqueza aquele outro; este leva o peso de sua nobreza, aquele o de sua obscuridade; um curva a cabeça sob a tirania de outrem, outro sob a própria tirania; a este sua permanência num lugar é imposta pelo exílio, àquele outro pelo sacerdócio. Toda a vida é uma escravidão. É preciso, pois, acostumar-se à sua condição, queixando-se o menos possível e não deixando escapar nenhuma das vantagens que ela possa oferecer: nenhum destino é tão insuportável que uma alma razoável não encontre qualquer coisa para consolo. Vê-se frequentemente um terreno diminuto prestar-se, graças ao talento do arquiteto, às mais diversas e incríveis aplicações, e um arranjo hábil torna habitável o menor canto. Para vencer os obstáculos, apela à razão: verás abrandar-se o que resistia, alargar-se o que era apertado e os fardos tornarem-se mais leves sobre os ombros que saberão suportá-los. (SÊNECA, 1988, p. 206).

A resignação do “homem racional” permite conservar seu semblante sem qualquer alteração, pois domina suas paixões, contém-se, não grita nem se desespera – apenas espera a tempestade passar. Tão diferente é o “homem intuitivo” que compreende que a vida é para ser vivida, por isso sente cada momento como se fosse o último e, como uma lição dos antigos gregos, vive a vida intensamente, manejando as armas melhor do que ninguém. Cada sentimento é refletido na sua expressão facial e, como ressalta o pensador alemão, acaba caindo sempre nas mesmas situações por não ter aprendido com a experiência. Todavia, a vida para ele tem mais sabor, já que está despreparado para o que virá. Mais tarde, no *Ecce*



Homo (1995, p.50), corroborará com o comportamento do “homem intuitivo”: “Sempre estive à altura do inesperado; devo estar despreparado para estar senhor de mim”.

A imprevisibilidade da vida e esta abertura também podem se apresentar como um relato autobiográfico: ressaltam a importância de uma filosofia que ensine a viver. O próprio autor nos adverte quando diz que temos uma “alma mista” – e isto significa que cada um tem sua própria medida para ousar ou conter-se, para esquecer ou lembrar, para perdoar ou guardar rancor.

Há uma moral de senhores e uma moral de escravos; acrescento de imediato que em todas as culturas superiores e mais misturadas aparecem também tentativas de mediação entre as duas morais (...), por vezes, uma dura coexistência – até mesmo num homem, **no interior de uma só alma**. (NIETZSCHE, 1992, p.173, grifos nossos).

A **segunda advertência** está articulada à medida individual e envolve justamente o quanto um homem pode ser capaz de esquecer – fundamental condição para a saúde psíquica e para a ação. Por outro lado, refere-se também à importância do lembrar. **Este par, esquecimento e memória, torna-se componente relevante para uma filosofia de vida**, sendo exposto em vários aforismos e na 2ª extemporânea – *Da Utilidade e dos Inconvenientes da História para a Vida*, sendo ademais retomado na *Genealogia da Moral*.

O esquecimento pode ser sinônimo de felicidade: como o animal vive uma vida não-histórica, não se angustia com o futuro nem se lembra do passado – está inscrito no presente. Para Nietzsche, o excesso de história pode anular as possibilidades de que o homem vivencie o presente, de se abrir para o novo, o que pode impedi-lo de agir. Lê-se logo no início da 2ª Extemporânea:

Observe-se um rebanho que pasta; ignora o que foi ontem e o que é hoje. Volteia, retouça, repousa, ruma, agita-se de manhã à noite, dia após dia, ligado ao seu prazer e a sua dor, ao impulso do instante, em melancolia nem saciedade. É duro para o homem ver isso, porque se orgulha de sua humanidade quando se compara com o animal, cuja felicidade, entretanto, inveja. Efetivamente, ele deseja viver como o animal, sem saciedade nem dor, mas ao querê-lo não o quer como o animal. ‘Por que é que não me falas de tua felicidade? Por que é que limitas a olhar-me?’ O animal gostaria de responder: ‘É que eu esqueço exatamente aquilo que queria dizer’. Até mesmo esta resposta é afogada no esquecimento e cala-se. É a vez do homem admirar-se. (NIETZSCHE, 1976, p. 105).





Em oposição ao animal, a maioria dos homens tem dificuldade para esquecer, pois entende que a felicidade estaria cristalizada em alguns momentos especiais do passado, como se o presente não pudesse oportunizar outros tantos momentos, sepultando o presente, “asfixiando a felicidade do presente, sucumbido as forças do futuro. O passado assume um peso tão insuportável, se torna um fardo de trevas” (NIETZSCHE, 1976, p.106) pelo fato de não ter aprendido a esquecer. Mais tarde, na *Genealogia da Moral*, Nietzsche retoma as suas ideias sobre a importância do esquecimento:

Esquecer não é uma simples *vis inertiae* (força inercial), como crêem os superficiais, mas uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido, graças a qual o que é por nós experimentado, vivenciado, em nós acolhido, não penetra mais em nossa consciência, no estado de digestão (ao qual poderíamos chamar de ‘assimilação psíquica’), do que todo o multiforme processo de nossa nutrição corporal ou ‘assimilação física’. Fechar temporariamente as portas e janelas da consciência; permanecer imperturbado pelo barulho e a luta do nosso submundo de órgãos serviais a cooperar e divergir; um pouco de sossego, um pouco de tábula rasa da consciência, para que novamente haja lugar para o novo, sobretudo para as funções e funcionários mais nobres, para o reger, prever, predeterminar (pois nosso organismo é disposto hierarquicamente) – eis a utilidade do esquecimento, ativo como eu disse, espécie de guardião da porta, de zelador da ordem psíquica, da paz, da etiqueta; com o que logo se vê que não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulhoso, presente, sem o esquecimento. (NIETZSCHE, 1988, p.58).

Para ser feliz, em alguma medida é preciso esquecer, é preciso ser portador de uma “força plástica, (...) uma faculdade de crescer por si mesmo, de transformar e assimilar o passado e o heterogêneo, de cicatrizar suas feridas, de reparar suas perdas, de reconstruir as formas destruídas” (NIETZSCHE, 1976, p. 106). O homem deve ser capaz de servir-se do passado com a finalidade de ressignificar sua história: ao apropriar-se de largas porções de passado, torna-se dono de sua própria história.

A sabedoria não implica em erudição, todavia, trata-se de saber quando se deve olhar para vida de modo histórico ou não, consiste em “aprender a esquecer a tempo e aprender a lembrar a tempo” (NIETZSCHE, 1976, p 108). As lembranças de algumas coisas que ficaram retidas na memória têm a finalidade de nos alertar para os perigos e situações já vividas anteriormente, de modo a não repetir os mesmos erros do passado. Cabe aqui ressaltar a amplitude destas advertências tanto no que concerne à esfera da vida política e cultural de um povo, quanto à esfera da vida privada.





A felicidade está associada a um estar-fora-da história, encontrar-se por alguns momentos acima dela, de modo a não sucumbir pela ideia do eterno retorno do mesmo, que implicaria no niilismo:

O homem que é incapaz de se sentar no limiar do instante, esquecendo todos os acontecimentos passados, aquele que não pode sem vertigem e sem medo pôr-se de pé um instante, como uma vitória, jamais saberá o que é felicidade e, o que é pior, nunca fará nada para dar felicidade aos outros. (NIETZSCHE, 1976, p. 107).

A felicidade proporciona o estado menos razoável do mundo – “limitado, injusto para com o passado, cego a todos os perigos, surdo a todas as advertências” (NIETZSCHE, 1976, p. 111). Nela, não há paralisação - o homem apaixonado e feliz não mede riscos, ele age sem medir por completo as consequências, está envolvido pela atmosfera não-histórica. Este homem “só olha para trás para ‘tomar um novo fôlego’” (NIETZSCHE, 1976, p.118). Sua atitude é sempre um “antídoto contra a resignação” (NIETZSCHE, 1976, p.118). Por isso, a vida torna-se mais bela para este homem: ao não se apegar demasiadamente à Vida, pode vivê-la intensamente.

Nesse sentido, um bom exemplo de homens de ação são os gregos: para o pensador, há um embelezamento da noção do tipo homem. A grande advertência sobre a adoção de uma vida que leve em conta o excesso de história é que o homem desencadeie os processos niilistas que culminariam no “último homem”. A maior decadência do tipo que já pode ser observada na modernidade: o afogamento contínuo do caráter intempestivo e imprevisível do homem, tornando-o um ser manipulável, medíocre e insosso, acomodado pela promoção de ideais niveladores e igualitários, onde o repouso toma o lugar da ação, onde conforto, bem-estar, ausência de sofrimento e grandeza são sinônimos de felicidade, de modo que pouco resta a admirar. O “último homem” revela a incapacidade do homem de agir e de amar, completamente despreocupado com o mundo, porém bem informado; sua vontade não é forte o suficiente para agir, um nada de vontade, preferindo a comodidade do sofá e dos prazeres imediatos, geralmente voltados para o consumo.

Ao guardar temor e se manter em guarda contra a besta louca que há no fundo de toda raça nobre: mas quem não preferiria mil vezes temer, podendo ao mesmo tempo admirar do que não temer, mas não mais poder livrar-se da visão asquerosa dos mal-logrados, atrofiados, amargurados e envenenados? E não é esse nosso destino? O que constitui hoje nossa aversão





ao ‘homem’? – pois nós sofremos do homem, não há dúvida – não o temor; mas sim que não tenhamos mais o que temer no homem; que o verme ‘homem’ ocupe o primeiro plano e se multiplique; que o ‘homem manso’, o incuravelmente medíocre e insosso, já ‘tenha aprendido a se perceber como apogeu e meta – que tenha mesmo um certo direito a se sentir assim, na medida em que se perceba a distância do sem número de mal-logrados, doentios, exaustos, consumidos, de que hoje a Europa começa a feder, portanto, como algo ao menos relativamente logrado, ao menos capaz de vida, ao menos afirmador da vida. (NIETZSCHE, 1988, p. 41).

Ora, todo homem precisa de história, todavia não de seu excesso, pois neste caso, recairia em uma concepção determinista de história que avassalaria o desenrolar do niilismo ou ainda na ideia de um conhecimento que se afastaria por completo da vida, produto de uma mera erudição. A apreensão da vida é facilitada pelos estudos de história – com ela aprendemos a organizar o caos, a suportarmos as vicissitudes da fortuna. É preciso um certo conhecimento do passado sob a forma de história – o passado deve servir de matéria-prima a serviço do futuro e do presente. O saber deve estar a favor da vida. A educação deve permitir que o homem “aprenda antes de mais nada viver e só utilizar a história se ela estiver a serviço da vida” (NIETZSCHE, 1976, p. 195). É preciso que liberemos novamente as forças plásticas da vida. Para tanto, necessitamos da história para a vida e para a ação: “o ensino que não vivifica, o saber que amolece a atividade, a história como luxo deve ser abominada” (NIETZSCHE, 1976, p. 103). Ao apresentar os três tipos de história – a monumental, a tradicional e a crítica, salienta que elas devem ser empregadas de acordo com a necessidade¹.

¹ Seria importante realizar uma breve digressão sobre os três tipos de história. A *monumental* apregoa que o passado é algo digno de imitação e acredita que ele pode repetir-se, pois “se a grandeza já foi possível uma vez, deve voltar a vir a ser no futuro” (NIETZSCHE, 1976, p. 152). (...) Tudo voltaria a acontecer, até o mais vil, uma maldição infundável. E ao adotar tal concepção, o homem poderia ser levado a uma postura niilista diante da vida. Em segundo lugar, poderia levar à tessitura de uma consideração enganosa em relação ao passado, embelezando alguns fatos e desprezando ou esquecendo setores inteiros. Além do mais, a história monumental deprecia o presente, alterando seu sentido. A *história tradicional*, por sua vez, pretende conservar e venerar o passado, aninhando-se nele, tornando-se um refúgio, pois o homem nela se abriga na conveniência do que é familiar, enfatiza a manutenção dos hábitos e costumes e, portanto, é benéfica à comunidade. Tal história sabe conservar a vida, mas pode tornar-se um grande perigo à medida que pode “mumificar o espírito”, mitigando as forças produtivas do presente. Sua afeição pelo passado não alarga os horizontes para o poder ser, mas regala-se com as minúcias bibliográficas. E, por fim, a *história crítica* pretende libertar-se do passado, posto que sofre dele. Ela precisa quebrar e dissolver um fragmento do passado para sobreviver. Sua crítica volta-se para o antigo: “Todo passado merece condenação porque, como acontece com todas as coisas humanas, neles se misturam a força e a fraqueza do homem” (NIETZSCHE, 1976, p. 129). Ao condenar o passado e o erro das gerações precedentes, crê-se isenta, entretanto, “isto não impede nossa origem neles” (NIETZSCHE, 1976, p. 129). Em sua pretensão de tornar-se uma ciência, pode provocar grandes perigos para a vida, desenraizar o futuro, destruir as ilusões e privar as coisas presentes de uma atmosfera indispensável à vida. Instituiu-se como uma teologia camuflada, uma visão teleológica, como se na história houvesse um fio condutor, linear, contínuo e inexorável: “Compete à história resolver o problema da história, o saber deve voltar



Além disso, o pensador se opõe a toda concepção histórica de caráter teleológico e linear e, em lugar desta, apresenta em sua maturidade o caráter seletivo do eterno retorno – apenas o que é afirmativo deverá retornar.

Tal oposição nos leva irremediavelmente para sua **terceira advertência**: se pudermos retornar às considerações anteriores, lembraremos que a vida é imprevisível e, portanto, pode levar os homens ao ressentimento, de modo que são levados a culparem a vida por ser o que ela é, por não ter oferecido aquilo que ansiavam, porque aquilo em que depositavam sua felicidade, de alguma forma, pereceu. Ao se ressentirem com a vida, deixam de percebê-la enquanto um devir inocente e ancoram seus corações no fundo do oceano, impedindo de ver a vida com alegria, apesar do sofrimento e da dor sempre presentes. Ao passo que, se **adotarem a ideia de um devir inocente**, há a possibilidade de transmutarem a dor em alegria, o choro em riso e aquilo que era pesado em algo leve, permitindo ao homem dançar e cantar, desatando os grilhões do “anão da gravidade”. Em outros termos, devemos aprender a apreciar a vida como ela é, sem ressentimentos, a fim de apreciá-la em sua integridade, como um presente – gratuidade, ao modo dos gregos. Isto significa afirmar a vida enquanto vontade de potência.

O riso, o jogo, a dança são os poderes afirmativos de transmutação: a dança transmuta o pesado em leve, o riso transmuta o sofrimento em alegria; o jogo do lançamento (de dados) transmuta o baixo em alto, mas referido a Dionísio, a dança, o riso, o jogo são poderes afirmativos de reflexão e de desenvolvimento. A dança afirma o devir e o ser do devir; o riso, as gargalhadas afirmam o múltiplo e o um do múltiplo; o jogo afirma o acaso e a necessidade do acaso. (DELEUZE, 1976, p.161).

Ora, tal conduta afirmadora da vida impele o homem a dar à sua existência uma bela forma, de modo que, se todas as suas ações se repetissem eternamente, sentiria-se agraciado com sua repetição. Compreender isto significa que o homem pode se colocar novamente em sua posição de artista. Por um lado, todos os valores e produções que se estabeleceram no tempo são decorrentes de “mentiras” que se sedimentaram em “verdades” e comprovam a

seu aguilhão contra si próprio” (NIETZSCHE, 1976, p. 175). Para Nietzsche, é necessário se desvencilhar de toda história que tenha esse caráter teleológico.





sua capacidade artística, tal como vimos em *Sobre a Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral*:

(...) porque entre duas esferas absolutamente diferentes, como o sujeito e objeto, não há causalidade, não há exatidão, nem expressão, mas quando muito uma *relação estética*, quero dizer uma transposição insinuante, uma tradução balbuciante em uma língua totalmente estranha: isto porque falta de qualquer modo uma esfera e uma força intermediária para compor livremente e imaginar livremente. (NIETZSCHE, 1987a, p. 72).

Podemos corroborar estas ideias nos valendo do aforismo 107 da *Gaia Ciência*:

Se não tivéssemos aprovado as artes, se não tivéssemos inventado essa espécie de culto ao erro, não poderíamos suportar ver o que nos mostra agora a ciência: a universalidade do não verdadeiro, da mentira, e que a loucura e o erro são condições do mundo intelectual e sensível (...). Enquanto fenômeno estético, a existência conserva-se nos suportável, e a arte dá-nos os olhos, as mãos e sobretudo a boa consciência que é necessária para poder fazer dela este fenômeno por meio dos naturais recursos. (NIETZSCHE, 1987b, p. 128).

Por outro lado, é por meio da arte que, de uma certa maneira, somos criadores de nós mesmos, somos escultores de nossa própria existência. Todavia, esse processo não será para todos: “Somente aqueles que encontram prazer não mais na certeza, mas na incerteza, nem ‘causa’, nem ‘efeito’, mas na criação contínua; a vontade não de se conservar, mas de dominar” (KOSSOVITCH apud NIETZSCHE, 1979, p. 98).

A arte desenvolve, na filosofia nietzschiana, um papel libertador, visto que está a serviço da ótica da vida: primeiramente, porque extrapola toda barreira e limitação, englobando todos os pares de opostos, inclusive os da verdade-mentira, do bonito-feio. Em segundo, porque ao abolir os juízos morais “faz suprimir a opressão exercida pelos valores morais para ‘propor a produção de valores e signos alegres’” (KOSSOVITCH apud NIETZSCHE, 1979, p. 128). De modo mais específico, é a arte trágica que desempenha melhor esse papel. Mas não apenas estes: podemos acrescentar que a arte é de grande valia para aquele que pretende construir-se enquanto obra de arte, como aquele que pretende esculpir-se a si mesmo sem cessar, de modo a transmutar aquilo que é pesado em leve, exatamente porque é profundo.

A **quarta advertência** reside em nossa liberdade: **precisamos aprender a dizer não àquilo que nos oprime**. Em tempos sombrios, esta advertência nos permite afirmar a nossa



existência (bem como nossa sanidade) como o leão mencionado por Nietzsche (2011, p.30, grifos nossos):

Criar novos valores é coisa para que o próprio leão não está apto, mas libertar-se a fim de ficar apto para criar novos valores, eis o que pode fazer a força do leão. Para conquistar sua própria liberdade, o **sagrado direito de dizer Não, mesmo ao dever, para isso meus irmão é preciso ser leão.**

Diferentemente do leão é o asno que, com suas enormes orelhas, nada filtra, absorvendo tudo ingenuamente, tornando-se incapaz de decifrar os mistérios da vida. Seu “Sim” (“I-A”) muitas vezes é dito pela incapacidade de dizer “Não”. Ademais, o asno gosta de ser admirado pela capacidade de carregar fardos – quanto mais pesado, melhor.

O que há de mais pesado para transportar – pergunta o espírito transformado em besta de carga e ajoelha-se como o camelo que pede que o carreguem bem (...) Será amar os que nos desprezam e estender a mão ao fantasma que nos procura assustar? O espírito transformado em besta de carga toma para si todos os pesados fardos, semelhante ao camelo carregado que se apressa a ganhar o deserto, assim ele se apressa em ganhar seu deserto. (NIETZSCHE, 2011, p. 30).

Em tempos em que a palavra de ordem é *flexibilidade* – o que indiretamente também quer dizer “aceite determinadas regras e se resigne” –, em que as demandas são cada vez maiores e a necessidade faz com que aceitemos, por vezes, imposições desumanas, aprender a dizer não é sinônimo de paz e estabilidade psíquica, mesmo que corramos determinados riscos.

Poderíamos, ainda, mencionar a terceira metamorfose do espírito – do leão em criança, já que a criança sintetiza tudo o que já dissemos: livre do jugo do passado, sem consciência dos deveres e obrigações futuras, vive uma vida não-histórica como o animal. É feliz porque esquece, é feliz porque ainda não se ressentiu com a vida – pura alegria e inocência. Não obstante, pergunta-se: será que em tempos sombrios não seria suicídio ter o coração de criança? Talvez tenhamos que nos preservar um pouco e deixar o que há de mais sagrado em nós apenas para alguns poucos amigos. Talvez tenhamos que reservar um tempo para:

descansarmos de nós próprios, olhando-nos do alto (...) para rir ou para chorar sobre nós: **é preciso descobrirmos o herói e também o louco** que se dissimulam em nossa paixão por conhecer; é preciso sermos felizes, de vez em quando, com a nossa loucura, para podermos continuar felizes com a nossa sagesa! (...) É preciso que nos *possamos* colocar acima da moral; e não somente com a inquieta rigidez daquele que receia a todo instante dar um passo



em falso e cair, mas com o à-vontade de alguém que pode planar e zombar por cima dela!
(NIETZSCHE, 1987b, p. 128-129, grifos nossos).

Eis aí a **quinta advertência**, com a qual encerramos o presente texto: **temos que ser felizes com a nossa sabedoria e a nossa insanidade, descobrindo o herói e o louco que nos habitam**. A vida abundante requer o desprendimento de pairar sobre a moral e de zombar da própria vida. Uma filosofia como forma de vida reivindica que o homem se distancie de si mesmo para olhar-se do alto, colocando-se acima da moral para poder rir ou chorar sobre si – condição para que o ser humano se torne “aquilo que é”.

Referências

- CASSIRER, E. **A Filosofia e as Formas Simbólicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CILENTO, A. Z. A metafísica de artista enquanto concepção estética do mundo. **Revista Primus Vitam**, n. 3, 2º semestre de 2011. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCH/primus_vitam/primus_4/angela_metafisica.pdf. Acesso: 04 mar. 2017.
- DELEUZE, G. **Proust e os Signos**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.
- DIAS, R. M. Arte e vida no Pensamento de Nietzsche. **Cadernos Nietzsche**, v.36, n.1, p. 227-244, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cniet/v36n1/2316-8242-cniet-36-01-00227.pdf>. Acesso: 04 mar. 2017.
- FINK, E. **A Filosofia de Nietzsche**. Lisboa: Editora Presença, 1988.
- GIACÓIA JR, O. O grande experimento sobre a oposição entre eticidade e autonomia em Nietzsche. **Revista Transformação**, vol. 12, UNESP, São Paulo, 1988.
- KOSSOVITCH, L. **Signos e Poderes em Nietzsche**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.
- LEBRUN, G. **Passeios ao Léu**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.
- LIMA, A. **As Máscaras de Dioniso**. São Paulo: Discurso Editorial, 2006.
- MACHADO, R. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- MARTON, S. **Das Forças Cósmicas aos Valores Humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- NIETZSCHE, F. **2. Extemporânea. Da Utilidade e dos Inconvenientes da História para a Vida**. Porto: Editorial Presença, 1976. – (Coleção Síntese).



_____. Sobre a Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral. In: **O livro do Filósofo**. São Paulo: Moraes Ed, 1987a, p. 64-78.

_____. **A Gaia Ciência**. Lisboa: Guimarães Editores, 1987b.

_____. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. **Para Além de Bem e Mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Ecce Homo**. São Paulo: Max Limonad, 1995.

_____. **Assim Falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SÊNECA. Da Tranquilidade da Alma. In: **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1988, p. 195-213.

SENNET, R. **A Corrosão do Caráter**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

VELASCO, P. D. N. Nietzsche: o conhecimento como invenção, a vida como criação de perspectivas. **IV Congresso Internacional de Ética e Cidadania: Filosofia e Cristianismo**, 2008, São Paulo. Anais Eletrônicos. ISBN: 978-85-88423-85-5.

